

A BONECA AFONSO DE KOKOSCHKA CRUZ



Existem doenças infames, capazes de fazer do nosso corpo uma gaiola para a alma. *Parkinson plus* é uma das formas mais perversas de o Universo mostrar a sua crueldade medieval. Ou, como disse Lao Tsé, o Universo trata-nos como cães de palha.

Este livro é dedicado à minha mãe.



PRIMEIRA
PARTE

A voz que vem da terra

Aos quarenta e dois anos, mais concretamente, dois dias depois do seu aniversário, Bonifaz Vogel começou a ouvir uma voz. A princípio, pensou que fossem os ratos. Depois, pensou chamar alguém para acabar com os bichos da madeira. Alguma coisa o impediu. Talvez o modo como a voz lho ordenara, com a autoridade das vozes que nos habitam mais profundamente. Sabia que aquilo acontecia dentro da sua cabeça, mas tinha a estranha sensação de que as palavras vinham do soalho, passando-lhe pelos pés. Vinham das profundezas e enchiam a loja de pássaros. Bonifaz Vogel usava sempre sandálias, mesmo no Inverno, e sentia as palavras deslizarem pelas unhas amareladas e pelos dedos encolhidos pelo esforço de sentir frases inteiras a baterem contra as plantas dos seus pés, a treparem-lhe pelas pernas brancas e ossudas e a ficarem retidas na cabeça graças ao chapéu. Experimentou várias vezes tirá-lo por uns segundos, mas sentia-se despido.

Os cabelos de Bonifaz Vogel, muito macios, estavam sempre penteados, muito brancos, cercados por um chapéu

de feltro (que alternava com outro chapéu mais fresco, para usar no Verão).

Passava os dias sentado numa cadeira de palhinha que um tio lhe trouxera de Itália.

O *duce* sentou-se nela, tinha-lhe dito o tio.

No dia em que recebera a cadeira, de presente de aniversário, Bonifaz Vogel sentou-se nela e gostou, achou-a confortável, era uma boa peça de mobiliário, com uns pés fortes. Pegou nela, alçou-a por cima da cabeça e levou-a para a loja de pássaros. Um papagaio assobiou quando ele passou, e Vogel sorriu-lhe. Pousou a cadeira junto aos canários e sentou-se debaixo dos trinados, deixando-os preencherem a sua cabeça de espaços vazios. Quando os pássaros cantavam com mais intensidade, Bonifaz Vogel mantinha-se quieto, com medo de, ao levantar-se, bater com a cabeça nos trinados mais bonitos.

Tinha medo de
partir os trinados
mais
BONITOS.



Deixou a cabeça do amigo uma eternidade para trás

Isaac Dresner estava a brincar com o seu melhor amigo, Pearlman, quando um soldado alemão apareceu, entre uma esquina e uma bola à trave. O soldado trazia uma arma na mão e deu um tiro na cabeça de Pearlman. O rapaz caiu com a cara em cima da bota do pé direito de Isaac Dresner e, por uns segundos, o soldado olhou para ele. O homem estava nervoso e suave. Tinha a farda impecavelmente limpa, de uma cor muito próxima da morte, com insígnias pretas, douradas, brancas e vermelhas. O pescoço rectilíneo, branco-amarelado, mostrava duas artérias azuis, perfeitamente nazis, que brilhavam com o suor. A cor dos olhos não era visível porque o soldado os tinha semi-cerrados. O tronco sólido mexia para cima e para baixo com uma respiração difícil. O homem apontou a arma a Isaac Dresner e esta, silenciosamente, não disparou: estava encravada. A cabeça de Pearlman rolou da bota de Isaac para o chão, para um ângulo impossível, abstracto, fazendo um estranho barulho ao bater na estrada. Um som quase inaudível, daqueles ensurdecadores.

Nos ouvidos de Isaac Dresner passava-se o seguinte:

- 1 – **Respiração do soldado.**
- 2 – **O som da *Mauser* a não disparar.**
- 3 – **O som quase inaudível da cabeça do seu melhor amigo, Pearlman, a escorregar da sua bota direita e a bater no chão.**

Isaac desatou a correr rua abaixo, com as suas pernas fininhas, deixando a cabeça do amigo para trás (uma eternidade para trás). O soldado voltou a apontar a arma e a disparar. Não acertou em Isaac, que corria com as suas botas encharcadas em sangue e memórias mortas. Três tiros assobiaram mesmo ao lado da alma de Isaac Dresner, mas bateram nas paredes do gueto.

A cabeça de Pearlman, apesar de ter ficado uma grande eternidade para trás, ficou para sempre presa ao pé direito de Isaac, através dessa corrente de ferro que prende uma pessoa a outra. Era esse o motivo por que coxeava ligeiramente e haveria de o fazer pela vida fora. Cinquenta anos depois, Isaac Dresner ainda puxaria o peso daquela cabeça longínqua com o seu pé direito.

PRÉMIO UNIÃO EUROPEIA PARA A LITERATURA

Durante a segunda guerra mundial, em Dresden, um rapaz judeu chamado Isaac esconde-se na cave de uma loja de pássaros. Sobrevivendo às toneladas de bombas que caem sobre a cidade, Isaac Dresner construirá a sua vida à volta dos livros, recuperará histórias e fará nascer outras. Mostra assim como acontecimentos fortuitos, inusitados ou insignificantes — entre eles, a existência da boneca de Kokoschka — são tão cruciais para tecer os nossos destinos quanto aqueles que, pela imponência, julgamos serem os únicos fundamentais.

Esta é uma história sobre a importância do outro. Os destinos cruzados deste romance iluminam o modo como as nossas relações, encontros, criações e circunstâncias formam a nossa identidade, nos fazem crescer e nos permitem, um dia, percebendo que a porta da nossa gaiola está aberta, abrir as asas e, sem rezear a liberdade, conquistar um pouco de céu.




«Numa loja de pássaros é onde se concentram mais gaiolas. Não há lugar nenhum no mundo construído com tantas restrições como uma loja de pássaros. São gaiolas por todo o lado. E algumas estão dentro dos pássaros e não por fora, como as pessoas imaginam. Porque Bonifaz Vogel, muitas vezes, abriu as portas das gaiolas sem que os canários fugissem. Os pássaros ficavam encolhidos a um canto, tentando evitar olhar para aquela porta aberta, desviavam os olhos da liberdade, que é uma das portas mais assustadoras. Só se sentiam livres dentro de uma prisão. A gaiola estava dentro deles. A outra, a de metal ou madeira, era apenas uma metáfora.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

  penguinlivros

 companhiadasletrasportugal

ISBN 9789897844386



9 789897 844386 >